



grito rural

EDIÇÃO DOS MOVIMENTOS
RURAIS DA REGIÃO OESTE

ACR • JARC • ACN

VOZ
DO MUNDO
RURAL
PELO SEU
DESENVOLVIMENTO

ANO XXXV - N.º 372/2809
DEZEMBRO 2018

EDITORIAL

Por:
Jacinto Filipe

Não sou de ferro, não tenho armas!

De facto, como diz a canção, não somos de ferro mas por vezes deixamo-nos enferrujar pela inércia, pela má língua, pelo comodismo e pela indiferença e mesmo não tendo armas, quantas vezes somos estupidamente intolerantes e mesmo fisicamente agressivos, por causa duma herança de valores irrisórios, por um exagerado apego aos bens, às coisas e ao dinheiro, ou pela defesa desajustada e fanatizante de convicções partidárias, religiosas, clubísticas, profissionais, etc....

É confrangedor e terrivelmente perigoso constatararmos que, governantes de muitos países do mundo, achem que é liberalizando a posse e o uso de armas que combatem a violência e garantem a segurança dos seus conterrâneos, como se alguma vez as armas e as guerras fossem a solução para a paz!

Da visita que um familiar meu fez recentemente ao Rio de Janeiro, ele dizia-me: como é possível manter a paz e a segurança das populações perante situações gritantes de injustiça e de pobreza clamorosas! De um lado da grande Avenida Hoteis de muitas estrelas, carros caríssimos estacionados à porta da recepção, pessoas luxuosamente vestidas, do outro, começa a favela, um enorme amontoado de casas/barracas, grande parte por acabar, separadas por ruelas tortuosas e esburacadas, sobrevoadas por uma quantidade enorme de fios entrelaçados uns nos outros, de onde os que conseguem, sacam a energia para iluminar, durante algum tempo, a noite escura das suas vidas e pelas esquinas grupos de miudagem vagueiam, muitos de bicicleta, na expectativa de assaltarem o turista/visitante mais apetecível e ou mais distraído! A injustiça e a pobreza levadas ao extremo, são sempre a maior fonte da insegurança e da violência, não entender isto é crime grave contra a humanidade!

Neste Natal de 2018 que agora vamos celebrar, será importante que sejamos capazes de assumir, com profundidade e verdade, a mensagem do nosso Deus, que fazendo-se Menino e Pobre, nunca quis usar Títulos, Excelências, Tronos ou Grandezas, mas bem pelo contrário, sempre se juntou e defendeu os pobres, os rejeitados, as viúvas, os doentes, as prostitutas, os filhos desencaminhados, os perseguidos, mas sim quis viver uma vida coerente com o projeto salvífico de Deus, na humildade, na solidariedade e na justiça. Votos de um SANTO NATAL para todos.

O Verbo Divino
acampou
no meio
de nós.

Feliz e
Santo Natal
para todas
as famílias.



* LÊ ATENTAMENTE:

- Encontro de Aprofundamento da Fé.....pág. IV
- Salvação Universal.....pág. IV
- Livraria Solidária.....pág. III
- Círculos de Sementes....pág. II

* SENHOR, NADA TE PEÇO PARA MIM

Senhor, que nunca me negaste nada,
Nada te peço para mim.
Peço-te apenas por cada irmão dorido,
Por cada pobre da minha amada terra.
Peço-te pelo seu pão e a sua jornada,
Pelas suas penas de pássaro vencido,
Pelo seu riso, o seu canto e o seu assobio,
Hoje que a casa ficou silenciosa.
Peço-te de joelhos,
Uma migalha das tuas maravilhas,
Uma côdea de pão para as suas mãos,
Uma ilusão, apenas uma porta aberta;
Hoje que a mesa ficou deserta
E choram, na noite, os meus irmãos.
Que assim seja.

(Cardeal Jorge Mario Bergoglio
Homília no Natal de 2001)

Círculos de Sementes, uma rede pela soberania alimentar enraizada em Portugal!

De volta aos Círculos, de volta às Sementes, Cuidando da Terra Comum

Os círculos convidam-nos a partilhar, criando um espaço comum ao centro. Em círculo podemos ver-nos e escutar-nos entre todos e todas. Entre mãos partilhamos saberes, e, entre mãos nos apoiamos mutuamente nesta aprendizagem. É uma dança antiga presente nas várias dimensões da vida. Em família formamos círculos à mesa, na escola brincamos em círculo no recreio, e no campo, onde a ligação à terra como fonte de alimento é ancestral, encontramos as eiras, espaços circulares onde se debulhavam cereais e leguminosas, cantando e trabalhando em roda, cuidando das sementes e dos afectos e agradecendo o fruto do trabalho árduo e dádiva generosa da terra.

No passado dia 28 de Outubro celebrou-se, na Casa do Oeste, a anual Festa das Colheitas, e surgiu a proposta de voltar a trazer a esta celebração um tema tão essencial ao longo de todos os tempos na actividade ligada à terra - as Sementes! Neste sentido e no contexto da iniciativa de orçamento participativo "Educar na Terra"¹, convidou-se o projecto "Círculos de Sementes"² para realizar uma Oficina de Recolha e Conservação



Oficina de recolha e conservação de sementes - Festa das Colheitas 2018

de Sementes.

A oficina teve lugar durante a tarde desse dia, e foi generosamente orientada por uma das fundadoras do projecto, Frederica Teixeira, e abrangeu desde conceitos mais básicos de biologia de plantas, para estabelecer uma linguagem comum sobre o assunto, até técnicas que melhoram a selecção e recolha de boas sementes para as nossas hortas, modos de as armazenar, bem como problemáticas actuais ligadas à produção de alimento no contexto socioeconómico capitalista, que afecta profundamente a soberania alimentar dos povos.

A sala encheu-se de gente curiosa à roda de uma mesa repleta de sementes das mais diversas formas, cores e origens, para ouvir atentamente as partilhas destes saberes, abrindo um novo círculo para reaprender a cuidar destas pequenas e preciosas fontes de vida e alimento!

Desta partilha ficaram curiosidades satisfeitas, novos saberes e resiliências para semear, alegrias, amizades e como complemento uma pequena biblioteca para troca e empréstimo de sementes - Sementeca (construída pela equipa 'Educar na Terra' e apresentada pela Leonor Valfigueira, dedicada a propagar esta iniciativa pelo país).

Sobre o projecto: Círculo de Sementes

Das mãos de Pepa Bernardes e Frederica Teixeira³, e do apelo da Dra Vandana Shiva⁴ pela Libertação das Sementes⁵ nasceu este projecto a 14 de Outubro de 2012. Partindo de um trabalho dedicado que envolveu pesquisa sobre os diversos movimentos nas temáticas das sementes, Agroecologia e Soberania Alimentar, Pepa e Frederica

desenvolveram e põem em prática um conjunto de formações e actividades de partilha de informação em contextos diversos (escolas, associações, etc.), entre os quais se destacam precisamente as Oficinas de Recolha e Conservação de Sementes.

Também o conhecimento precisa de ser enraizado na terra para dar fruto, não ficando apenas no plano das ideias. Da necessidade de garantir que as sementes tenham quem as multiplique, acompanhe, conserve e partilhe no seu contexto local, surgiu neste projecto a iniciativa de formar Círculos de Sementes:

*"Um Círculo de Sementes consiste em reunir um grupo de Amigos, em que cada um se inscreve para multiplicar e guardar Sementes de uma ou mais culturas. Cada elemento escolhe uma cultura, semeia, cuida, colhe, limpa, seca e armazena as Sementes. Nos encontros todos partilham as suas Sementes e a informação que têm sobre as plantas que escolheram."*²

Pelo país existem cerca de 11 Círculos de Sementes, sendo os mais próximos da nossa zona o Círculo de A-dos-Negros ('Cabeça De Nabo, Coração De Boi, Pés De Salsa') e o de Torres Vedras ('Pilriteiro'). No blog do projecto² podemos encontrar linhas orientadoras para a formação destes pequenos grupos de partilha e troca de sementes, numa lógica horizontal e autónoma de organização. Geralmente o surgimento de um novo Círculo sucede ou envolve uma Oficina de Recolha e Conservação de Sementes, dada gratuitamente pela equipa de apoio do projecto, para que os membros conheçam estas práticas e conhecimentos.

É importante vincar que esta é uma iniciativa de partilha e troca

de sementes, e não de venda, e que, as sementes de que se fala são de variedades livres, de preferência tradicionais e rústicas, e não variedades geneticamente modificadas ou híbridas comerciais.

Cada Círculo tem momentos de encontro para que os seus membros possam intercambiar experiências, sementes ou dinamizar outras actividades ligadas ao tema (visitas, ajudadas, etc.), e mantém idealmente uma Arca Comunitária de Sementes, onde estão guardadas as variedades tradicionais da sua região ("cultivadas pelo menos há uma década").

*"(...) para que a energia de cada um desse força a Todos, unimos tudo numa Rede"*²

Os vários Círculos de Sementes que existem no país estão interligados numa Rede⁶, onde se recolhem e partilham variedades antigas, tradicionais e livres de sementes. Sempre que possível organiza-se colaborativamente um encontro anual entre os vários grupos desta Rede, que alimenta este movimento colectivo e popular de salvaguarda da nossa Soberania Alimentar.

É em círculos, redes e encontros que se trocam ideias, que se cuidam dos afectos, que se estreitam os laços, que se reflecte criticamente nas respectivas práticas, aprendendo e crescendo colectivamente, como seres interdependentes e diversos que somos, coabitando uma mesma terra, da qual cuidar é parte basilar da nossa existência: Cuidar da Casa Comum (mote anual da Acção Católica Rural).

Por estes caminhos que se encontram e por tudo o que foi partilhado na Festa das Colheitas pelo projecto Círculos de

Sementes, a Casa do Oeste demonstra a sua gratidão e reconhecimento. Fica em cada um o apelo para fazer germinar estes e outros saberes em defesa deste património tão ligado ao mundo rural: as Sementes!

³Frederica Teixeira e Pepa Bernardes, fundadoras dos Círculos de Sementes, pelas suas próprias palavras:

Agricultoras, formadoras, consultoras e ativistas pela preservação da biodiversidade, são apaixonadas por tudo o que se relacione com a Mãe Terra.

Com formação e vários anos de experiência em Agricultura Biológica, Biodinâmica, Permacultura e Agroecologia, têm realizado vários trabalhos em Portugal, Moçambique e São Tomé e Príncipe, cooperando em vários projetos com Grupos de Camponeses, Associações, ONGDs, Escolas, Instituições, Municípios e Empresas. Actualmente são coordenadoras do Núcleo de Agroecologia da Associação WAKESEED (Sustentabilidade, Desenvolvimento Pessoal e Comunitário) da qual são membros fundadores, e mentoras e fundadoras da Rede Nacional de Círculos de Sementes.

Apesar de terem um vasto currículo formativo consideram que a sua maior fonte de conhecimento e inspiração têm sido as camponesas e camponeses que têm tido o prazer de conhecer ao longo de vários anos de projetos em Países tão diferentes como Portugal, Peru, Índia, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Artigo elaborado por Nídia Fernandes [equipa Educar na Terra - Casa do Oeste]

FICHA TÉCNICA

Director

Jacinto Duarte Filipe

Equipa Responsável

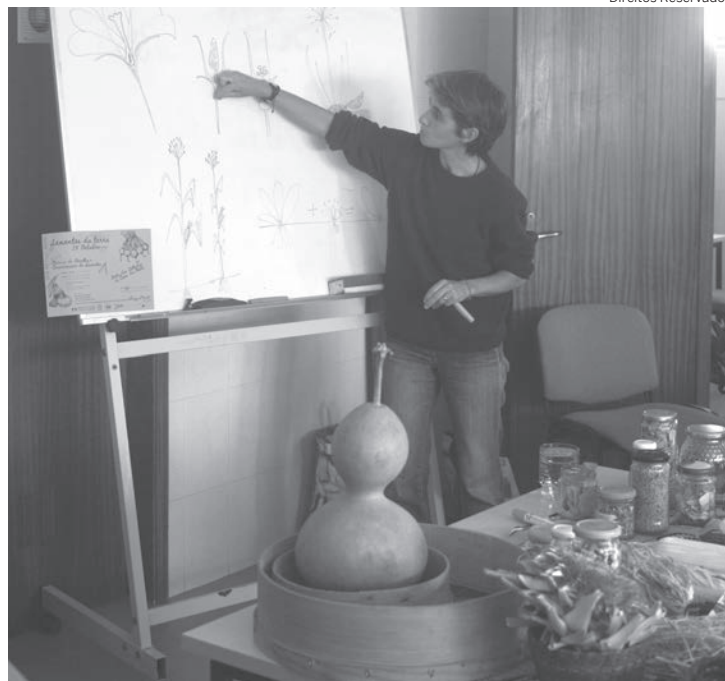
Jacinto Duarte Filipe
Cristiana Palma (JARC)
Rosália Batalha (ACR)
Dália Miranda (Adm.)
João Gamboa (Porta Voz)
P. Joaquim Batalha

CASA DO OESTE

Ribamar
Av. 25 de Abril, 13
2530-627 RIBAMAR LNH
Telef.: 261 422 790
Fax: 261 422 790
E-mail: casadooeste@sapo.pt
E-mail: grito.rural@alvorada.pt



CASA DO OESTE
FUNDAÇÃO
JOÃO XXIII



Oficina de recolha e conservação de sementes - Festa das Colheitas 2018



Dra Vandana Shiva

Referências e Informação para consulta:

¹ Educar na Terra - projecto de actividades educativas ambientais e culturais financiado por Orçamento Participativo [freguesia de Ribamar - 2017/18] e promovido pela Casa do Oeste, em colaboração com outras entidades locais e regionais (Vaklouro - associação ambiental e cultural da Maceira, CoopCASA - Cooperativa Cultural e Artística de Caldas da Rainha, Centro Social e Cultural de Ribamar, etc.). <https://www.facebook.com/educar.na.terra/>

² Círculos de Sementes: <http://circulosdesementesnoticias.blogspot.pt/> Fonte de informação e excertos presentes neste artigo.

⁴ Dra Vandana Shiva: <http://www.vandanashiva.com/>

⁶ Associação Wakeseed - Sustentabilidade e Desenvolvimento Pessoal e Comunitário: www.wakeseed.org

5 Declaração sobre a Liberdade das Sementes Dra. Vandana Shiva

1. A Semente é fonte de vida, é a urgência da vida de dar expressão a si mesma, de renovar-se, de multiplicar-se, de desenvolver-se de forma perpétua em liberdade.

2. A Semente é a materialização da diversidade bio cultural. Contém milhões de anos de um passado de evolução biológica e de cultura e o potencial para milénios de evolução no futuro.

3. A Liberdade das Sementes é o direito que toda e qualquer forma adquire desde nascença e é a base da protecção da biodiversidade.

4. A Liberdade das Sementes é o direito que qualquer agricultor e produtor alimentar adquire desde nascença. O direito dos Agricultores de guardar, trocar, desenvolver, cultivar, vender as Sementes é o âmago da Liberdade das Sementes. Quando esta liberdade lhes é retirada os Agricultores ficam encurralados pela dívida e em casos extremos suicidam-se.

5. A Liberdade das Sementes é a base da Liberdade Alimentar, uma vez que a Semente é o primeiro elo na cadeia alimentar.

6. A Liberdade das Sementes é ameaçada pelas patentes sobre

Sementes, que criam um monopólio de Sementes e determinam a ilegalidade da conservação e Troca de Sementes pelos Agricultores. As patentes sobre Sementes não se justificam nem em termos éticos nem em termos ecológicos uma vez que as patentes são direitos exclusivos concedidos sobre uma invenção. As Sementes não são uma invenção. A vida não é uma invenção.

7. A Liberdade das Sementes de diferentes culturas é ameaçada pela Biopirataria e pela patente de conhecimento e biodiversidade indígenas. A Biopirataria não é uma inovação - é um furto.

8. A Liberdade das Sementes é ameaçada por Sementes geneticamente modificadas, que estão a contaminar as nossas quintas, excluído assim a opção por alimentos não geneticamente modificados para todos. A Liberdade das Sementes dos agricultores é ameaçada quando, depois de contaminarem as nossas culturas, as multinacionais processam os agricultores por "roubar a sua propriedade".

9. A Liberdade das Sementes é ameaçada pela transformação deliberada da semente de recurso renovável auto gerado em produto não renovável patenteado. Os casos mais extremos de sementes não renováveis são aquelas desenvolvidas através da "Tecnologia Exterminadora" que foi desenvolvida com a finalidade de criar sementes estéreis.

10. Comprometemo-nos a defender a Liberdade das Sementes enquanto liberdade de evolução das diversas espécies; enquanto liberdade das comunidades humanas de reclamar as Sementes de fonte livre como comuns.

Para este efeito, guardaremos Sementes.

Criaremos Bancos de Sementes comunitárias e bibliotecas de Sementes.

Não reconhecemos qualquer lei que de forma ilegítima faça das Sementes a propriedade privada das empresas.

Iremos parar o patenteamento de Sementes.

<http://seedfreedom.in/declaration/>

LIVRARIA SOLIDÁRIA

O Natal está aí e com ele as tradicionais trocas de presentes que simbolizam e concretizam de alguma forma o afeto que temos pelas pessoas que nos são próximas. Oferecer livros é a forma mais económica de oferecer viagens no espaço e no tempo, experiências de vida, amigos, momentos de puro

prazer e emoção; oferecer livros da Livraria Solidária da Casa do Oeste é ainda mais económico e valioso porque contribui também para a concretização dos diferentes projetos de solidariedade promovidos por esta instituição.

Os livros aqui sugeridos têm todos o preço de 5 euros e podem

ser adquiridos na Casa do Oeste (Ribamar). Também os podem pedir para o número 917 428 922 e serão entregues em mão na zona de Mafra, Lourinhã ou Caldas.

NESTE NATAL OFEREÇA LIVROS SOLIDÁRIOS!



Economia Circular Preparados para esta caminhada? - 1ª parte

A minha sobrinha Luana tem 17 anos, anda no décimo segundo ano e sabe muito bem o que é a economia circular. Para grande espanto meu, na escola o assunto tem sido falado e em sua casa, alguns comportamentos habituais ajudam à sua intuição de que é fácil e interessante. O nome também é giro...

A economia circular é um movimento em grande evolução, que procura assegurar a utilização de recursos, de forma sustentável e rentável. A ideia central é prolongar o mais possível o uso dos bens, sem os considerar, de forma prematura, descartáveis. Os modelos de consumo dominantes são pouco compatíveis com esta ideia. A alteração de comportamentos é inevitável para garantir o futuro das próximas gerações, salvaguardar a escassez de recursos e minimizar os efeitos das alterações climáticas. Temos então que pensar já e atuar a diversos níveis.

O que estará a ser feito? Que princípios? Que etapas e projetos? Que vantagens? Quem está envolvido no assunto?

A origem dos problemas está em debate. São essenciais as pontes entre o local e o mundo global. Há que valorizar a convergência de interesses entre governos, privados e a sociedade civil.

Precisamos então de muita vontade e coragem para alterar comportamentos que sejam compatíveis com novos processos produtivos.

Alguns países estão a dar passos de gigante na aproximação a estas problemáticas. Falamos mesmo dos mais ricos, mas com grande escassez de certos recursos naturais. Por

exemplo, o Japão e a Finlândia. Estão de tal modo despertados para esta necessidade que assumiram a organização conjunta do Fórum Mundial de Economia Circular. Também são parceiros a ONU, a União Europeia, os Estados Unidos da América, o Brasil e muitos outros países e organizações de vários continentes.

Em Portugal muitas iniciativas estão em curso também, combinando experiências e recursos em diversos domínios. Senão vejamos.

Alguns projetos de ajuda alimentar são exemplares no combate ao desperdício alimentar. A equipa de voluntários da Fundação João XXIII/Casa do Oeste, é diariamente chamada a recolher bens, que após triagem, são em grande parte encaminhados para projetos da Guiné Bissau. A Câmara de Mafra tem,

pelo menos, dois pontos de recolha, onde se pode entregar de tudo um pouco. Após melhoramento, alguns produtos são distribuídos por quem precisa. E poderíamos continuar... Tudo somado, quantas toneladas são desviadas dos contentores e novamente reutilizadas?

Mas, estes esforços são insuficientes. Temos que alterar de forma consistente muitos aspetos da nossa vida em sociedade.

De forma abreviada, vou tentar pegar nalguns tópicos, que de forma tênue mas persistente, a Luana e muitos outros já estão a experimentar. Numa sociedade globalizada e interdependente, é necessário alimentar este movimento de forma sustentável e inclusiva.

(Continua na próxima edição)

Manuela Ludovino



Encontro de Aprofundamento da Fé

10 de Março de 2019
CASA DO OESTE

Direitos Reservados



Este tempo de encontro já habitual na vida do Movimento, marcando o início da caminhada quaresmal de militantes e amigos da ACR, proporciona um tempo de encontro conosco próprios, encontro com a Palavra de Deus, fazendo-nos olhar a realidade do nosso tempo com os olhos de Cristo, iluminar o nosso agir, renovar a nossa Esperança que é possível hoje no aqui e agora recriar o mundo ao jeito de Deus Pai.

'FORMAR PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL'

O desenvolvimento do Homem na sua vertente cultural, económica, social e espiritual, fomentando um compromisso ecológico:

- educando para a sobriedade para que se possa conservar a Mãe Terra;

- sensibilizando para uma distribuição mais justa dos bens; educar para os valores da amizade, da verdade, honestidade, solidariedade, tolerância.

O Papa Francisco continuamente nos desafia a trabalharmos por um desenvolvimento que respeite o meio ambiente e toda a pessoa humana, particularmente os mais pobres.

"É urgente o desafio de proteger a nossa casa comum; e inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar".

O que estamos a fazer nesta linha? O que mais podemos fazer? Como podemos ajudar a cultivar estes valores, a mudar as atitudes... na nossa família, nas comunidades em que nos inserimos? Estas serão as questões que iremos aprofundar no Encontro da Fé de 2019. Deste encontro partiremos mais fortes para voltarmos aos nossos encontros quotidianos e aí sermos pelo nosso agir sinais de esperança.

Dina Franco Silva

«Um outro olhar»

SALVAÇÃO UNIVERSAL

O mês de novembro está marcado, na perspetiva cristã, pelo «dia de fieis defuntos», apesar da ligação ao de «Todos os Santos». E o mês de dezembro, apesar das alegrias natalícias, não deixa de estar também assim marcado; para isso contribui a recordação, na noite de Natal, das pessoas queridas que, supostamente, «já não estão entre nós». Mas, contrastando com tal nostalgia, nessa noite recorda-se o nascimento do Salvador que, segundo o Concílio Vaticano II, «quer que todos os homens se salvem (...）」 («Ad Gentes», 7; cf. «Lumen Gentium», 2-3 e «Gaudium et Spes», 32).

A revelação divina e algum pensamento filosófico dizem-nos que estamos em Deus, desde sempre e para

sempre, como decorre do simples facto de Ele nos conhecer e amar. Por essa razão, a morte surge como algo muito accidental, embora inevitável, e até como libertação das contingências da vida terrena. Assim, embora seja natural chorarmos os mortos, não parece razoável chorá-los por estarem ausentes; tal suposição de ausência configura-se tão estranha como supor ausente o próprio Deus.

Compreende-se, e respeita-se, que a Igreja considere as pessoas mortas repartidas por: canonizadas; beatificadas; «fieis defuntos»; e outras. Compreende-se, e respeita-se, também que considere algumas «localizadas» no paraíso, outras no purgatório e outras no inferno. Porém, nada disto

põe em causa a afirmação de que todas estão em Deus; e, sendo infinitamente perfeito, é infinita a distância entre Ele e o ser de cada uma. Com base nisto somos convidados à melhoria da nossa vida aqui na terra, em todas as dimensões (cf.: «Populorum Progressio», de Paulo VI, n.ºs. 20-21; e «Laudato Si'», de Francisco), com dois grandes objetivos: procurar o bem infinito, em que estamos desde sempre e para sempre, sem sabermos como; e corrigir as falhas cometidas por nós e pelas outras pessoas, vivas ou mortas, visando o mesmo bem, isto é, tendendo para a coerência entre a vida terrena e a celeste. (Continua)

Acácio F. Catarino

